

**FONTES HISTÓRICAS E A OCUPAÇÃO DE  
SANT'ANA DE PARANAÍBA NO SÉCULO XIX:**

**POSSIBILIDADES PARA SE PENSAR A  
HISTÓRIA AMBIENTAL**

**Isabel Camilo de Camargo**

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,  
UNESP, Campus de Assis.  
e-mail: [isabelc\\_camargo@hotmail.com](mailto:isabelc_camargo@hotmail.com)

CAMARGO, Isabel Camilo de. Fontes históricas e a ocupação de Sant'Ana de Paranaíba no século XIX: possibilidades para se pensar a História Ambiental. *albuquerque* – revista de história. vol. 8, n. 16. jul.-dez./2016, p. 191-208.

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas possibilidades de se pensar estudos de História Ambiental para Sant'Ana de Paranaíba, província de Mato Grosso, no século XIX. A História Ambiental tem como objeto, de forma geral e breve, o estudo da sociedade e seu relacionamento com a natureza no tempo. A visão que os viajantes tiveram da região e seus apontamentos sobre a fauna e flora, em busca de conhecer o território imperial brasileiro, e a percepção dos entrantes que a natureza de Sant'Ana de Paranaíba era própria para a criação de gado e de como desenvolveria a relação entre homem e natureza no cotidiano, são temas que relacionam a sociedade que estava se estabelecendo em Sant'Ana de Paranaíba e sua integração com a natureza. É importante ressaltar que foi a natureza que chamou a atenção e possibilitou a fixação dessas pessoas na localidade.

**Palavras-chave:** Sant'Ana de Paranaíba, século XIX e história ambiental.

**Abstract:** This work aims to present some possibilities of thinking studies of Environmental History to Sant'Ana de Paranaíba, province of Mato Grosso, in the nineteenth century. The Environmental History has as object, in general and briefly, the study of society and its relationship with nature in time. The vision that travelers had of the region and his notes about the fauna and flora, seeking to know the Brazilian imperial territory, and the perception of entrants that the nature of Sant'Ana de Paranaíba was a place for livestock and how was developed the relationship between man and nature in daily life, are issues that relate to society that was settling in Sant'Ana de Paranaíba and your integration with nature. Importantly, it was nature that drew attention and allowed the establishment of these people in this locality.

**Key-words:** Sant'Ana de Paranaíba, nineteenth century and environmental history.



Este texto tem como proposta utilizar algumas indagações e percepções da História Ambiental para pensar a ocupação da região de Sant’Ana de Paranaíba por não-indígenas, no século XIX. Essa região era parte da Província de Mato Grosso. A designação “história ambiental” começou a ser utilizada por alguns historiadores participantes dos movimentos ambientalistas de seus países, principalmente historiadores estadunidenses.<sup>1</sup>

A História Ambiental tem como objeto, de forma geral e breve, o estudo da sociedade e seu relacionamento com a natureza no tempo. É importante ressaltar que a História Ambiental não é a história da devastação da natureza, mas, também não podemos ignorar as devastações e suas consequências. De acordo com Willian Cronon<sup>2</sup>, historiador estadunidense, os objetivos da História Ambiental seriam: entender a história da interação humana com o mundo natural; como nós dependemos dos ecossistemas em torno de nós para sustentar nossa vida material; como modificamos as paisagens em que vivemos e como nossa ideia de natureza formou e forma a nossa relação com o mundo ao redor.

De acordo com Woster, a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. Em suas palavras:

---

<sup>1</sup> BITTENCOURT, Maria Circe Fernandes. Meio Ambiente e ensino de História. *Revista História & Ensino*. Londrina. v. 9, p 63-96, Out. 2003.

<sup>22</sup> CRONON, Willian. *Biografia Willian Cronon*. Site pessoal atualizado em novembro de 2011. Disponível em <http://www.williamcronon.net>. Baixado dia 07/12/2011.

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tomar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e "supernatural", de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas.<sup>3</sup>

Para Duarte o objeto da história é debater as várias atitudes das sociedades humanas em relação ao meio natural, e sua prática de conhecimento é eminentemente interdisciplinar. Para ela, os sentidos dados à natureza “são criações culturais das várias sociedades ao longo dos tempos e nas mais diversas partes do mundo. Assim, não há ‘o Homem’ tampouco ‘a Natureza’”<sup>4</sup>. Em outras palavras, Duarte entende que não há uma “natureza intocada”, pois a sociedade sempre se relacionou e a modificou, às vezes de forma menos prejudicial à ecologia local do que em outras.

Outro debate existente é se a História Ambiental teria uma proposta política. Se a encararmos como uma crítica ao capitalismo, as formas de explorações de recursos naturais de forma totalmente predatória, ela teria sim uma proposta política. Tal ponto de vista suscita outras indagações como até que ponto a ocupação de novos espaços territoriais faz parte de preocupações políticas. Porém, a História Ambiental não seria necessariamente só uma crítica direta ao capitalismo, mesmo porque se ela somente criticar por criticar perderia o seu valor histórico e analítico.

A História Ambiental pode apontar os conflitos políticos e sociais que perpassam as mudanças ambientais, nessa leitura o ambiente está claramente conectado com as questões sociais em *voga* em cada época. Como exemplo podemos a preocupação com a higiene sanitária na cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX e suas conseqüências como a reforma de áreas centrais que ocasionou o deslocamento dos antigos moradores para os morros locais em que não havia, e até hoje não há, infraestrutura para acolher essas pessoas. Dessa forma, podemos perceber que muitas vezes, a natureza é sujeita ao homem, ela não é estática.

De acordo com Martinez,

---

<sup>3</sup> WOSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Revista Estudos Históricas*, vol 4, n. 8, CPDOC/FGV, 1991. p. 199.

<sup>4</sup> DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

A História Ambiental no Brasil encerra grandes possibilidades que, desde logo, afugentam os riscos de uma “historiografia de imitação” ou de mimetismo acadêmico das modas intelectuais europeias e norte-americanas, pois contém inúmeras perspectivas de trabalho que desafiam a imaginação inventiva e a criatividade dos historiadores.<sup>5</sup>

A história ambiental no Brasil possui temas e possibilidades para estudos próprios sem precisar utilizar de mimetismo acadêmico, copiando recortes e temas discutidos na historiografia ambiental estadunidense, pois no Brasil os objetos de pesquisas e recortes temporais podem ser variados e é um campo do qual se tem muito a estudar.

## **Interação entre sociedade e natureza no Brasil do século XIX**

Na segunda década dos 1800 já havia um quadro da variedade e da riqueza de nosso país<sup>6</sup>. A partir desse período haveria um tratamento mais intenso para entender e sistematizar a natureza dos lugares e das regiões. Um exemplo é o custeio, por parte do governo, de estudiosos estrangeiros que vinham estudar a fauna e flora de nosso país e que deixaram muitas obras que narram sobre essas viagens ao interior do Brasil.

Pádua nos recorda que

É importante ter em conta a necessidade de construir uma tipologia diferenciada quanto à formação e aos objetivos de cada viajante. É possível diferenciá-los, por exemplo, segundo sua base profissional – naturalistas, artistas, técnicos, professores, diplomatas, militares, marinheiros, negociantes etc.<sup>7</sup>

Segundo a historiadora Ana Maria Mauad, variados aspectos da vida material durante o Império foram descritos ou retratados por viajantes, pintores, retratistas e fotógrafos que passaram pelo Brasil no século XIX:

---

<sup>5</sup> MARTINEZ, Paulo Henrique. Brasil: desafios para uma história ambiental. *Revista Nômadas*. Colômbia, nº. 22. Universidad Central. Abril 2005. p. 29

<sup>6</sup> PÁDUA, José Augusto. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. IN: Grinberg, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial (1870-1889)*. vol III. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

<sup>7</sup> Idem. p. 321.

Independentemente da modalidade do registro, foi o olhar do estrangeiro que nos enquadrou, ao mesmo tempo que educava o nosso olhar, para que nós mesmos pudéssemos nos mirar nos espelhos da cultura importada de seus países de origem<sup>8</sup>.

Isso significa que vivências de homens, mulheres e crianças foram, não raro, descritos ou relatados pelas lentes da cultura, dos valores e interesses do narrador. Entretanto, importa ressaltar o valor destas informações, pois seu enredo é repleto de elementos observados ou vividos, cujos detalhes são preciosos para se pensar um dado momento histórico.

A esse respeito Sérgio Buarque de Holanda ressalta que a partir do século XIX, com o processo de independência, o Brasil transformou-se ponto convergente de viajantes, aventureiros e exploradores das mais variadas nacionalidades:

Aí está um dos fatores do vivo interesse que, ainda em nossos dias podem suscitar os escritos e quadro de viajantes chegados do velho mundo entre o ano da vinda da corte e pelo menos, o do advento da Independência. De tão visto e sofrido por brasileiros, o país se tornara quase incapaz de excitá-los. Hão de ser homens de outras terras, emboabas de olho azul e línguas travadas, falando francês, inglês e principalmente alemão, os que vão incumbir do novo descobrimento do Brasil.<sup>9</sup>

Nos tempos coloniais, os descendentes dos bandeirantes paulistas tratavam de emboabas os forasteiros portugueses e aos brasileiros de outras origens, sobretudo aqueles que entravam no sertão pelas mais variadas causas, como a busca de ouro e pedras preciosas. Entre esses emboabas dos quais fala o sociólogo, estava à família Taunay, que transmigrou junto com a corte portuguesa para o Brasil em 1808.

A partir da abertura dos portos às nações amigas determinada por D. João VI, em 1808, as informações sobre as singularidades brasileiras passaram a ser descritas pela visão dos visitantes estrangeiros. Famosas expedições européias e norte-americanas que, sob a

---

<sup>8</sup> MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. IN: NOVAIS, Fernando A. (coord); ALENCASTRO, Luis Felipe de. (org). **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 2. p. 184.

<sup>9</sup> HOLANDA, Sergio Buarque (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Monárquico, v. 3, tomo II: O processo de emancipação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 13.

influência de Humboldt e de Spix e Martius, descreviam a paisagem a partir de recursos artísticos e registros científicos, conforme observa Brazil:

*'Conhecer o Brasil'*, um dos espetáculos da natureza tropical, tornou-se a obsessão incessante dos turistas norte-americanos e europeus. Segundo, Raymond Williams essa afeição pela flora e pela fauna, esse obsessivo interesse pelo cenário selvagem explicava-se pelos efeitos do progresso material do mundo ocidental, os quais modificaram o espírito e a sensibilidade da sociedade moderna.<sup>10</sup>

Por outro lado, a historiadora Karen Macknow Lisboa, no texto *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*, publicado em 2000, observou que no século XIX, sobretudo após a independência política do Brasil, algumas expedições realizaram longas viagens pelo interior do Brasil, alcançando as mais distantes regiões. A existência de numerosos escritos memorialísticos de estrangeiros deveu-se à relativa segurança em viajar pelo Brasil, país territorialmente grande, que dispensava a necessidade de cruzar fronteiras. Além disso, a relativa estabilidade política e os avanços referentes aos meios de transporte e de comunicação somados às novas possibilidades econômicas verificadas no âmbito nacional promoveram o grande fluxo de visitantes aos mais remotos recantos do Brasil.<sup>11</sup>

Inúmeros naturalistas e exploradores receberam apoio do Imperador D. Pedro II, por razões não menos importantes como o estudo da natureza e da multiplicidade étnica. As características singulares do sertão brasileiro atraíram diversos visitantes, sobretudo, estrangeiros os quais viam nesse espaço um rico *laboratório* para os estudos sobre as diferentes *raças e culturas*.

O historiador Roberto Ventura, no trabalho sob o título *Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república*, também ressaltou as contribuições dos relatos dos viajantes:

---

<sup>10</sup> BRAZIL, Maria do Carmo. **Rio Paraguai: o mar interno brasileiro- uma contribuição aos estudos dos caminhos fluviais brasileiros**. São Paulo. FFCHL/ Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento, 1999. p. 59.

<sup>11</sup> LISBOA, Karen Macknow. *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*. IN: MOTA, Carlos Guilherme (org). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)**. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

O Brasil imperial mostrou muitas caras aos viajantes estrangeiros. Longe de esgotar a multiplicidade de imagens que eles criaram a respeito de nossa sociedade, nosso governo, nossas instituições e nossa história, é notório que o Brasil de 1808 a 1889 desponta como grande terra preta de potenciais, mas que permanece num constante estado de formação, de ainda estar por fazer, pelo processo civilizador, um eufemismo para a dominação de valores cunhados pelos europeus e transpostos ao Novo Mundo.<sup>12</sup>

Elaine Cancian, no texto *Cativos nas fazendas pastoris do sul de Mato Grosso (1825-1888): considerações de pesquisa*, também teceu observações sobre a contribuição dos relatos de viagem no processo de investigação histórica:

[...] Comumente, o sul de Mato Grosso foi registrado pelo olhar de pintores, geógrafos, militares, engenheiros movidos pela perspectiva de trabalho e oportunidade de novos conhecimentos científicos. Narrativas resultantes da presença de homens engajados em missões particulares fornecem ponto de partida ao conhecimento que ainda precisa ser construído sobre a posse da terra nos pantanais [e nas demais localidades], a mão-de-obra usada nas fazendas, as formas de produção, bem como o modo de viver na região.<sup>13</sup>

A independência brasileira desencadeou um processo de busca da construção identitária iniciada pela exaltação da natureza e do sentimento nacional. O nacionalismo pautava-se, portanto na valorização das particularidades regionais.

A ideia de natureza no Brasil monárquico convivia com dois movimentos divergentes: uma de elogio à natureza e uma prática ininterrupta de agressão. O primeiro movimento era fomentado pelos romancistas e o segundo tinha como justificativa o ideal de “progresso” como um valor superior. Entretanto a base econômica do governo provinha, na sua maior parte, da produção rural assentada em práticas predatórias.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. IN: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. Vol 1. 2 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000. p. 294.

<sup>13</sup> CANSIAN, Elaine. *Cativos nas fazendas pastoris do sul de Mato Grosso (1825-1888): considerações de pesquisa. História: debates e tendências*. Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Vol 1, n. 1, (junho, 1999). Passo Fundo: UFG, 1999. p. 121.

<sup>14</sup> Op. Cit. PÁDUA, 2009.

Porém o romantismo brasileiro se tornou um projeto oficial, principalmente após a entrada de D. Pedro II no IHGB, exaltando o nacionalismo e passando a inventariar as originalidades locais, formando uma representação do país de acordo com os interesses do Estado.<sup>15</sup>

## Sociedade e Natureza em Paranaíba

A região da vila de Sant'Ana de Paranaíba começa a se destacar após 1830 com a ocupação de entrantes brancos vindos de São Paulo e Minas Gerais, e se torna um local de passagem e parada entre as províncias de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e a cidade de Cuiabá. Esses entrantes traziam consigo escravos para trabalhar nas terras ocupadas. Sant'Ana de Paranaíba foi primeiro ponto da expansão pastoril, desencadeando seu avanço para outros lugares e tinha como base a escravidão.<sup>16</sup>

A sua exata localidade é um ponto de discussão entre os memorialistas, pois cada qual afirma sua localização de acordo com que se recordam ou com que outras pessoas a descreviam; há ainda um mapa da historiadora Maria do Carmo Brazil determinando a região de Paranaíba.

De acordo com Ribeiro,

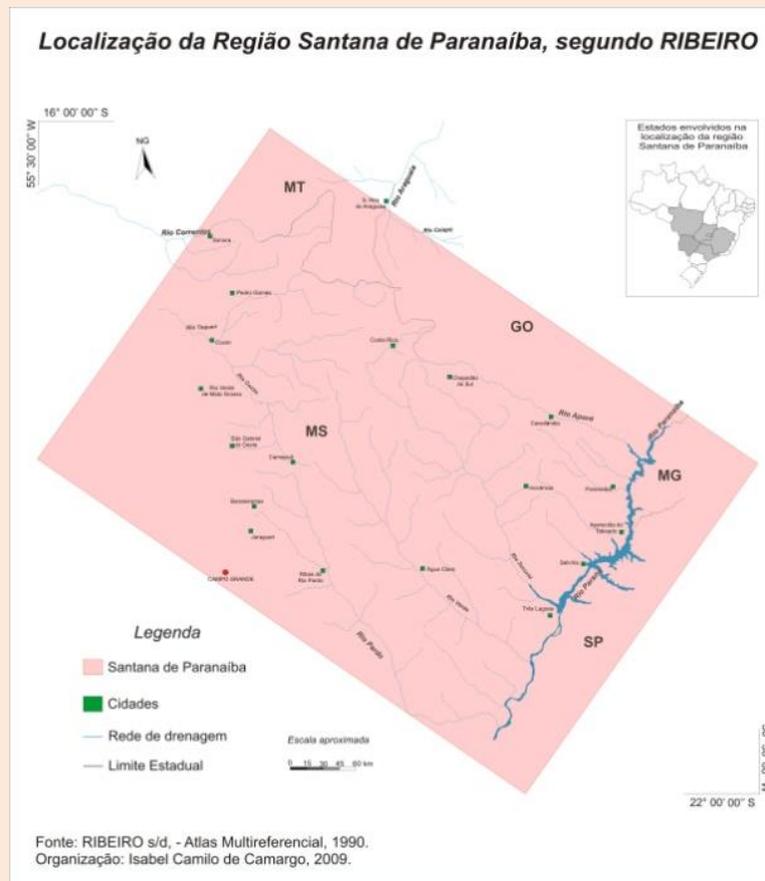
A Freguesia do Paranaíba tinha por limite o Rio Paraná desde a foz no Rio Pardo até a do Paranaíba; o mesmo Paranaíba até a barra do Rio Correntes, o alveio do mesmo rio Correntes até as suas cabeceiras: uma linha tirada destas ao Caiapó do Sul; o manso Caiapó do Sul o principal e mais meridional braço do Araguaia, até as suas fontes, uma linha tirada daí às cabeceiras mais setentrionais do Rio Pardo, e este último rio até o Paraná.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> STRUMINSKI, Edson. **D. Pedro II adotou o romantismo naturalista para consolidar o Império no Brasil.** Texto escrito em 2009. Disponível no site: [http://www.historiaambiental.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=182:d-pedro-ii-adotou-o-romantismo-naturalista-para-consolidar-o-imperio-no-brasil&catid=86:artigos&Itemid=278](http://www.historiaambiental.org/index.php?option=com_content&view=article&id=182:d-pedro-ii-adotou-o-romantismo-naturalista-para-consolidar-o-imperio-no-brasil&catid=86:artigos&Itemid=278). Acesso em 29/11/2011.

<sup>16</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril.** Campo Grande/MS: Governo de Mato Grosso do Sul, 2009 (Coleção documentos para a história de Mato Grosso do Sul).

<sup>17</sup> RIBEIRO, Lélia Rita E. de Figueredo. **O homem e a terra.** Campo Grande/MS: editora do Senado Federal, 1994. p. 108.

Transformando essas informações, a localidade de Sant’Ana de Paranaíba seria a seguinte:

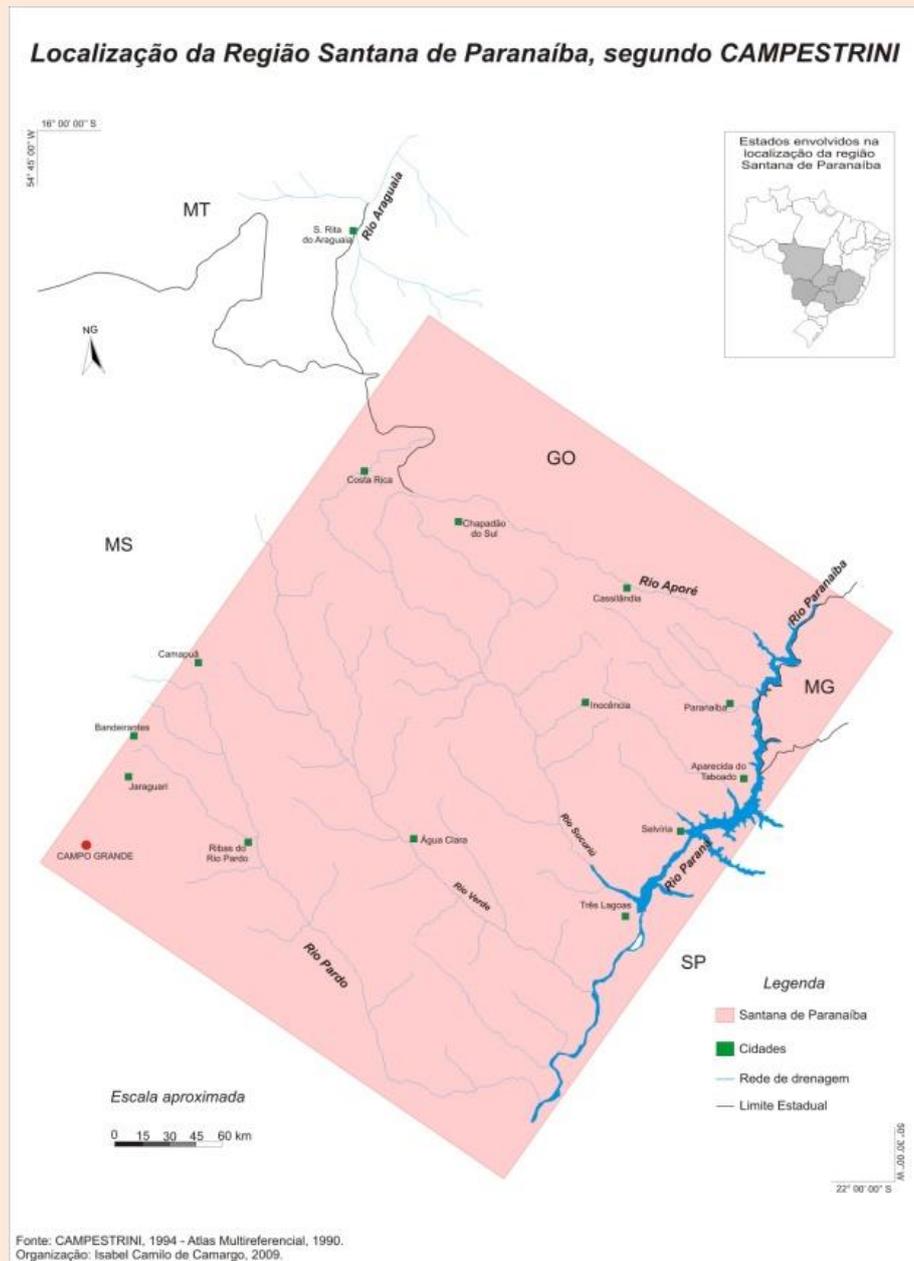


Campestrini possui uma outra descrição para a localização de Sant’Ana de Paranaíba:

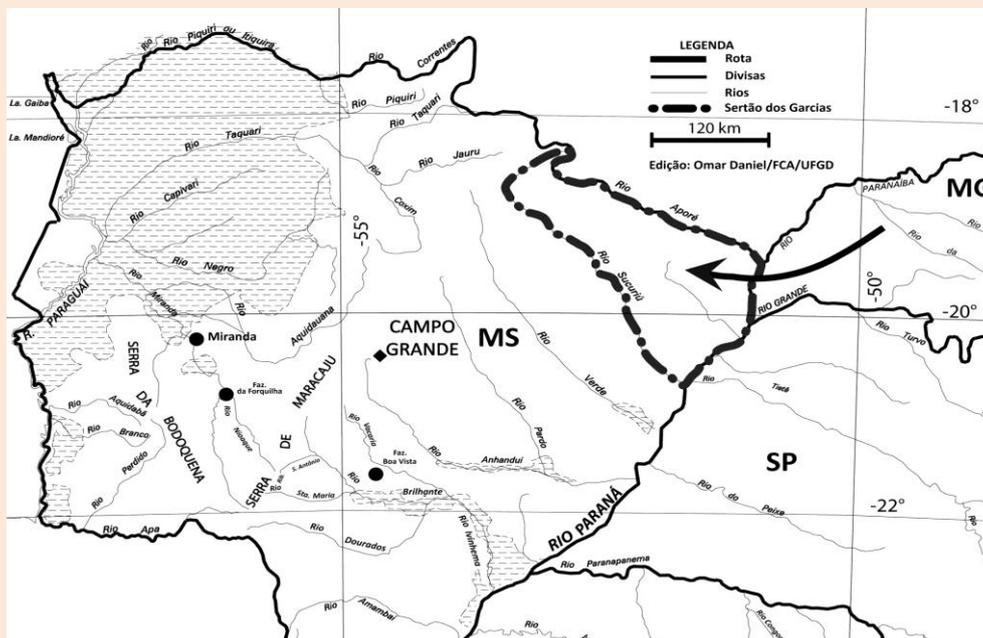
[...] limitado então “pelo rio Paraná até a foz do Pardo; por este até suas cabeceiras, em Camapuã; destas, por uma linha, até as nascentes do Araguaia; daí, por uma linha às do rio Aporé; por este e pelo Paranaíba, até o Paraná”.<sup>18</sup>

Sua descrição caracteriza outra posição geográfica:

<sup>18</sup> CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana de Paranaíba (de 1700 a 2002)*. 3 ed. Campo Grande/ MS: IHGB/MS: 2002. p. 9.



De acordo com a historiadora Maria do Carmo Brazil, a localização de Sant'Ana de Paranaíba seria bem menor, porém não tivemos acesso ao local que ela recolheu as informações que resultaram no mapa que segue:



**Figura 3:** Região de Santana de Paranaíba - Sertão dos Garcia. Fonte: BRAZIL, Maria do Carmo. Sobre os campos de vacaria do sul de Mato Grosso: Considerações sobre a terra e escravidão (1830-1889). In: MAESTRI, Mário; BRAZIL, Maria do Carmo. *Peões, vaqueiros & cativos campeiros: Estudos sobre a economia pastoril no Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009: 219-250. (Coleção Malungo, 17).

O debate do motivo das informações sobre a localização de Sant'Ana de Paranaíba serem parecidas caberia em uma discussão sobre a questão da memória e sobre o uso e delimitações das fontes memorialísticas. De forma geral, a região de Sant'Ana de Paranaíba correspondia no século XIX, a atual região leste do Estado de Mato Grosso do Sul que compreende municípios como: Aparecida do Taboado, Brasilândia, Inocência, Paranaíba e Três Lagoas.

Sant'Ana era uma região primordialmente habitada por ameríndios do grupo lingüístico Jê - os caiapós. Portanto, com penetração significativa da maciça leva de mineiros e paulistas no século XIX o espaço foi marcado pela resistência de numerosas comunidades indígenas, entre as quais os caiapós.

Segundo Brazil, os entrantes mineiros e francanos foram atraídos pelas grandes extensões de vegetação rala, principalmente campos, com pastagens naturais e pela forte presença de gado alçado: “[...] famílias inteiras de colonos, oriundas de Minas Gerais migraram, para ocupar parte dos sertões *devolutos* das Vacarias mato-grossenses”.<sup>19</sup> Algumas das famílias que ocuparam esse espaço transformaram-se em ícones para atender aos interesses político de seu tempo, mas aqueles que estiveram sob seu poder permaneceram invisíveis nos inúmeros discursos regionais.

Animais, ferramentas e cativos constituíam-se nos meios pelos quais entrantes mineiros e paulistas puderam iniciar o cultivo do solo, organizar-se em fazendas próprias, continuar a expansão territorial e, conseqüentemente, alcançar posição de *destaque*, ou poder de mando.

Em 1850, Von Martius, botânico alemão, dividiu o Brasil em cinco domínios naturais: as florestas tropicais litorâneas; as florestas pluviais do Norte; o semiárido nordestino; os campos de árvores baixas (hoje denominado cerrado) e a parte interior do Brasil meridional, essas divisões Von Martius relacionou com deusas da Antiguidade Clássica<sup>20</sup>.

Sant’Ana de Paranaíba possuiria o bioma cerrado, que era visto por Von Martius como

O campos dotados de árvores baixas, retorcidas e espaçadas, sobre um tapete de gramíneas, que cobrem os planaltos e chapadas do Brasil central – [...]– formavam a “*Regionis Extratropicae Valleculosaë*”, regida pelas Oreades, as ninfas imortais que faziam companhia a Diana, deusa caçadora, no governo dos montes e campos da velha Grécia.<sup>21</sup>

A região foi visitada e conhecida no século XIX por viajantes como Francis Castelnau, Luiz D’Alincourt e Visconde de Taunay. Os relatos e obras desses viajantes deixou escrita a impressão deles ao passar em Sant’Ana de Paranaíba.

---

<sup>19</sup> BRAZIL, Maria do Carmo. Sobre os campos de Vacaria do sul de Mato Grosso: considerações de terra e escravidão (1830-1889). IN: MAESTRI, Mário e BRAZIL, Maria do Carmo (orgs.). **Peões, vaqueiros & cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 232.

<sup>20</sup> Op. Cit. PÁDUA, 2009.

<sup>21</sup> Op. Cit. PÁDUA, 2009, p. 325.

Visconde de Taunay foi um dos que mais deixaram relatos sobre Sant’Ana de Paranaíba em obras como *Inocência* (1872), *Céus e terras do Brasil*, *Evocações* (1882) e *Memórias* (1892).

A visão de Sant’Ana de Paranaíba por Taunay é assim descrita:

De longe é sumamente pitoresco o primeiro aspecto da povoação. Ponto terminal do sertão de Mato Grosso assenta no abaulado dorso de um outeirozinho. O que lhe dá, porém encanto particular para quem a vê de fora, é o extenso laranjal, coroado anualmente de milhares de áureos pomos, em cuja folhagem verde-escura se encrava as casas resalta a cruz da modesta igreja matriz.<sup>22</sup>

Segundo Gilmar Arruda, na obra intitulada *Cidades e sertões*, as variadas interpretações sobre o interior brasileiro ligavam-se à forma distinta de se conceber a natureza.

[...] Cidades e sertões são termos que traduzem novas sensibilidades surgidas no processo acelerado de concentração populacional e de urbanização, por que algumas regiões passaram na primeira metade desse século [século XX]. Mais propriamente, pode-se falar de que se trata de ‘lugares de memória’ do processo de urbanização vivenciado de diferentes formas por diversos contingentes populacionais. Processo de transformação das paisagens, de construção e reelaboração de representações sobre o território e populações, em razão do qual surgiram imagens como as atribuídas ao Estado de São Paulo, como um lugar ‘moderno’, urbanizado e desenvolvido. No início do século mais da metade de seu território era considerado ‘sertão’, desde que se considere ‘sertão’ como o oposto de ‘cidade’.<sup>23</sup>

Sant’Ana de Paranaíba foi vista por Taunay como vilarejo típico dos sertões do Brasil, constituído, segundo observou o escritor Otavio Gonçalves Gomes, por um “negociante mais forte, gente de fora, viajado, que conhece a capital do país e as grandes cidades”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1962. p. 169.

<sup>23</sup> ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru/SP: Edusc, 2000. p. 14.

<sup>24</sup> GOMES, Otavio Gonçalves. *Mato Grosso do Sul na obra de Visconde de Taunay*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990. p. 68.

Se por um lado Otavio Gonçalves Gomes mostrou que Sant’Ana fora apontada como outra vila qualquer, Arruda entendeu que havia uma preocupação de escritores e viajantes da época (século XIX) em construir características específicas de cada *sertão*, ou seja, havia à época o interesse dos letrados em escrever suas memórias, nas quais os lugares eram descritos de forma particular:

A elaboração de uma representação da natureza brasileira, enquanto elemento individualizante, produtor de características específicas, capazes de construir uma unidade autônoma, particular no cenário das nações, começou a ocorrer antes mesmo da independência do país. Sob o signo da história natural, uma comunidade de letrados, funcionários do Estado português, no final do século XVIII e início do XIX desenvolveu toda uma produção de *memórias*, nas suas *viagens filosóficas*, destinadas a produzir um conhecimento da natureza das colônias, resultando, daí, a construção de discursos que procuravam dar especificidades a um lugar chamado Brasil. Nas *memórias*, minuciosamente adotadas e detalhadas, os lugares assumiam características particulares, individualizantes.<sup>25</sup>

Um exemplo da tendência descrita acima por Gilmar Arruda expressa-se nas *Memórias* de Taunay, ao descrever as características do sertanejo e a paisagem sul-mato-grossense com impressionante riqueza de detalhes:

No dia 30 de junho [1867] estávamos no vasto rancho do Sr. José Pereira, bom mineiro que nos acolheu otimamente e era o primeiro morador que encontrávamos à saída do sertão bruto de Camapoã e à entrada do de Santana, um pouco mais habitado. Acordando indisposto, bem tarde, saí do pouso, chegando, nesse dia 1º de julho, à margem do rio Sucuriú, afluente volumoso do Pardo que leva as águas do Paraná. Nossa pousada, no dia seguinte, devia ser a fazenda do Coletor, assim chamada por ter pertencido a um exator da fazenda nacional. [...] fomos para diante, tangidos pelo mais lúgubre dos espetáculos. Dois soldados estavam ainda fechando uma cova, onde com mais outras pessoas, boiadeiros e camaradas, acabavam de enterrar um alferes, vindo de Goiás, com destino às forças de Mato Grosso. O infeliz, ao alcançar o pouso tivera a desgraça de entrar pelo laranjal a dentro e acorar-se em cima de umas folhas secas debaixo das quais estava enrodilhada uma cascavel! Mordido violentamente não durou senão minutos...”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Op.Cit. ARRUDA, 2009, p. 68.

<sup>26</sup> TAUNAY, Alfredo D’Escragno. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Melhoramentos, 1946. p. 278.

Ou seja, há um grande debate sobre a interpretação das obras e da percepção dos viajantes em relação ao seu entendimento por natureza, e como estes se relacionavam com os pressupostos da época.

A introdução da pecuária foi um dos fatores que modificaram a paisagem natural da região de Sant’Ana de Paranaíba. O interesse historiográfico pela história da criação pastoril não tem sido proporcional ao peso que essa atividade econômica exerceu enquanto elemento povoador do interior e assim, formador da sociedade brasileira. Fato é que, ao se considerar os 500 anos de *descobrimto* do Brasil e de sua ocupação, animais bovinos, equinos e muares foram introduzidos pelos portugueses com vistas a suprir necessidades alimentares, transporte e tração e, ainda hoje, a atividade pastoril exerce importância fundamental na vida material e social brasileira.

Nos primeiros séculos de colonização da história brasileira a metrópole determinou robustas diretrizes de povoamento e de práticas administrativas com objetivos de garantir o apossamento, criação de núcleos de povoamento, segurança das terras coloniais e práticas geradoras de riquezas como açúcar, metais preciosos e *drogas do sertão* (fumo, tabaco, couros). A essa época, a criação pastoril ainda tinha o perfil subsidiário para as atividades agrário-exportadoras. Foram mais de dois séculos (XVI e XVII) de luta do colonizador luso no sentido de assegurar o seu domínio sobre a colônia, envolvendo combate às invasões estrangeiras, aniquilamento de tribos indígenas e perseguições aos redutos de escravos fugidos. Inaugurava a partir daí, sobretudo no século XVIII a abertura para a instalação de fazendas de gado nos sertões do país, não somente para subsidiar quem subia o planalto das Minas, mas também para perseguir a imagem refulgente do *índio*, do *ouro* e das *pedras*.<sup>27</sup>

Esse verdadeiro *rush* em direção aos *eldorados* brasileiros (Minas, Mato Grosso e Goiás) teve seu maior afluxo entre os anos de 1720-1780, quando o povoamento da região ganhou impulso considerável, apesar de não ter havido projeto claro de estabelecimento estável de vida econômica e social para o interior brasileiro, conforme observou Antonio Barros de Castro, em seus *7 ensaios sobre a economia brasileira*: “[...] de fato, antes e depois do passageiro sucesso da mineração, foi a pecuária responsável pela interiorização de atividades econômicas no país”.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> TAUNAY, Afonso d’Escragolle. *Índios! Ouro! Pedras!*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

<sup>28</sup> CASTRO, Antonio Barros de. *7 ensaios sobre a economia brasileira* (1ª ed 1971). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária Ltda, 1975. p. 37.

Emergia desse fenômeno de expansão os agrupamentos humanos, traduzidos no surgimento de arraiais e povoados, os quais podiam evoluir para a instalação de freguesias ou predicamento de vilas.

Ao longo do processo de expansão do gado para os sertões brasileiros, nas primeiras décadas do século XVIII, o cronista André João Antonil<sup>29</sup> centrou considerações sobre a formação social brasileira na criação pastoril, mostrando que os currais de gado se estabeleciam acompanhando o curso dos rios. Importa lembrar que o gado também rumava para os lugares onde pudesse encontrar depósitos de barreiros salgados, como os de Alagoas e Ceará e dos terrenos baixos do vale do rio São Francisco.

Nos contratos de compra e venda existentes sobre Sant'Ana de Paranaíba é constante as fazendas e sítios aparecerem constando a existência de algum recurso hídrico em suas posses. Como por exemplo, a venda feita por Gabriel Ferreira de Mello e sua esposa Victoria Maria de Jesus de uma parte de terra da fazenda Bonito para Manoel Garcia da Silveira pelo valor de um conto de reis, em 1873. Esta parte compreendia o Pontal denominado Bonito que tinha as seguintes divisas<sup>30</sup>:

Comecando no pontal pelo lado direito serve de diviza o mesmo braço que divide a Fasenda do Bonito com a do Bebedouro, por esse braço acima ate a ultima cabeceira pela agua maior, dividindo lá com a Fasenda da Velhacaria; isto é, por esse braço ate o primeiro braço que esgalha para a esquerda; partindo outra vez do referido Pontal, segue pelo meio d'agua do braço do Bonito, que vem da esquerda ate a sua ultima cabeceira, pela agua maior, d'ahi ao espigão mestre do rio das Pedras com o Bonito, e por esse espigão acima até confrontar com as divisas da Fasenda Velhacaria.

A pecuária modificou não só a economia local como também a paisagem natural, porém tal tema necessita de um estudo mais aprofundado para entendermos quais as modificações realizadas pelos não-indígenas na região de Sant'Ana de Paranaíba e quais foram e são os impactos dessas mudanças.

---

<sup>29</sup> André João Antonil foi um jesuíta que viveu entre os anos de 1649 e 1716. Em 1711, ele publicou pela primeira vez, em Lisboa, a obra **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. A obra aqui consultada tem como referência: ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2001.

<sup>30</sup> Arquivo do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Livro de notas nº. 15. Paranaíba 1872-1873. Fichário 1. Gaveta 2. Pasta 161. Folha 03(verso) e folha 04.

O debate sobre a ocupação de Sant'Ana de Paranaíba está em seu início, pois há poucas obras que enfocam somente esta localidade. A construção deste debate pode gerar novas questões a serem estudadas como, por exemplo, indagar como era a relação desses *entrantes mineiros* com a natureza de Sant'Ana de Paranaíba e se a visão deles é compatível com o entendimento de natureza dos escravos e dos livres pobres.

Além disso, há que se questionar as mudanças na fauna e flora da região com a agricultura de subsistência e os campos pastoris formados por esses *pioneiros*. Se formos questionar um recorte temporal antes do século XIX caberia uma discussão de como os indígenas caiapós se relacionavam com a natureza. Ou seja, se formos pensar na região de Sant'Ana de Paranaíba no século XIX e toda a contribuição da História Ambiental na construção de um fazer-se histórico podemos concluir que esse diálogo ainda encontra por realizar-se. Espera-se que esse artigo venha a chamar atenção para a necessidade de se pensar a história ambiental no sul do antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.